

**OS IMPACTOS DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA  
NA INSERÇÃO SOCIAL DE INDÍGENAS  
DE CACHOEIRINHA, MIRANDA, MATO GROSSO DO SUL**

*Evelyne Gregório Xavier (UEMS)*

[evelyne.xavier@hotmail.com](mailto:evelyne.xavier@hotmail.com)

*Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)*

[chaves.adri@hotmail.com](mailto:chaves.adri@hotmail.com)

**RESUMO**

Em 2013, durante a execução das atividades do Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena, numa parceria com instituições de ensino superior de Mato Grosso do Sul, o Instituto Federal deste Estado e demais colaboradores, dentre eles, uma das autoras deste artigo, iniciou-se a sistematização do processo de produção agroecológica, na aldeia Terra Indígena Cachoeirinha, localizada no município de Miranda, em Mato Grosso do Sul. Desde então, o trabalho vem sendo desenvolvido no intuito de divulgar, por meio de mídias digitais, as atividades agroecológicas terenas e promover o fortalecimento de suas práticas agrícolas, uma vez que são consideradas principais características identitárias desse povo. Assim, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre os impactos do trabalho com a produção agroecológica, na inserção social desses indígenas. Para isto, buscou-se ouvir os seus discursos, procurando entender a relação entre suas práticas diferenciadas de produção e seu reposicionamento na sociedade. A fim de registrar tais impactos, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, gravando entrevistas feitas com indígenas da aldeia envolvidos neste projeto, transcrevendo e, finalmente, analisando os discursos desses agricultores, a partir dos conceitos da sociolinguística interacional, área de estudo na qual a pesquisa se insere. Observou-se que as práticas inovadoras de produção agrícola ecológica vêm promovendo a inclusão digital e social desses indígenas, contribuindo para melhoria da qualidade de suas vidas.

**Palavras-chave:** Agroecologia. Inserção social. Indígena. Terena. Discurso.

**1. Introdução**

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da vivência de uma das autoras, indígena da aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha, com as experiências agroecológicas de seu povo.

Agroecologia é um campo do conhecimento de natureza multidisciplinar, que tem por finalidade contribuir para a construção de práticas agrícolas de base ecológica, tendo como base, os ideais da sustentabilidade numa perspectiva multidimensional.

Pressupõe um enfoque científico no apoio à transição dos modelos

de desenvolvimento rurais e agrícolas convencionais para aqueles mais sustentáveis, transformando os modelos agroquímicos e de monoculturas que já tenham se mostrado insustentáveis, em formas de agriculturas que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica. (CAPORAL & COSTABEBER, 2000).

Para tal parte-se do conhecimento local, respeita-se e incorpora-se o saber popular, buscando integrá-los aos conhecimentos científicos, na construção e expansão de novos saberes socioambientais.

Por essas razões, pode-se afirmar que a agroecologia implica mais do que substituições de práticas agrícolas tradicionais em outras sustentáveis, uma vez que contempla necessariamente, mudanças nos aspectos políticos, econômicos e socioculturais, bem como, nas atitudes e valores dos atores sociais envolvidos nesse processo.

Norteados pelos atuais conceitos de produção agrícola, em 2013, durante as atividades do Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI), uma parceria com universidades de Mato Grosso do Sul, o Instituto Federal do Estado e demais colaboradores, dentre eles, uma das autoras deste artigo, iniciou-se a sistematização do processo de produção agroecológica, na aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha, em Miranda (MS).

Desde então, o trabalho vem sendo desenvolvido no intuito de divulgar, por meio de mídias digitais, as atividades agroecológicas terenas e promover o fortalecimento de suas práticas agrícolas, uma vez que são consideradas principais características identitárias desse povo.

Assim, com o interesse nas mudanças de atitudes e valores dos atores sociais pressupostas pela agroecologia, esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre os impactos do trabalho com a produção agroecológica, na inserção social desses indígenas nos aspectos referentes à qualidade de vida, às práticas sustentáveis, à autoestima, à aquisição de conhecimentos e à capacitação digital.

Buscou-se ouvir os seus discursos, procurando entender a relação entre suas práticas diferenciadas de produção e seu reposicionamento na sociedade.

Destaca-se a relevância desta pesquisa, uma vez que as pesquisadoras e autoras deste artigo foram pioneiras em ouvir, dos próprios indígenas agricultores, suas impressões sobre tais impactos.

Realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, gravamos entrevistas feitas com indígenas da aldeia envolvidos neste projeto, transcrevemos e, finalmente, analisamos os discursos desses agricultores, considerando os conceitos da sociolinguística interacional, área de estudo na qual esta pesquisa se insere.

Observou-se que as inovadoras práticas de produção agrícola ecológica vêm promovendo a inclusão digital e a social desses indígenas, contribuindo também, para a melhoria da qualidade de suas vidas.

## **2. Agroecologia**

Segundo Altieri (2001), a agroecologia é a ciência que estuda, analisa, dirige, desenha e avalia agroecossistemas, a fim de permitir a implementação e o desenvolvimento de estilos diversos de agricultura, com foco na sustentabilidade. Mais ainda, a agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores aos conhecimentos de diferentes ciências, permitindo a compreensão, a análise e a crítica do atual modelo de agricultura, bem como o estabelecimento de novos caminhos para o desenvolvimento rural e novos desenhos de fazeres agrícolas mais sustentáveis, através de uma abordagem transdisciplinar e holística.

Para Casado, Molina e Guzman (2000), a agroecologia constitui o campo do conhecimento que promove o manejo ecológico dos recursos naturais, através de formas de ação social coletiva, que apresentam alternativas às práticas atuais, por meio de propostas de desenvolvimento participativo.

Como afirmam os autores (2000), os elementos centrais da agroecologia podem ser agrupados em três dimensões, a saber: ecológica e técnico-agronômica; socioeconômica e cultural; além da sociopolítica.

Essas dimensões se entrecruzam e influenciam uma à outra, de modo que estudá-las, entendê-las e propor alternativas supõe, necessariamente, uma abordagem inter, multi e transdisciplinar, razão pela qual os agroecólogos e seus seguidores beneficiam-se de ensinamentos de diferentes áreas do conhecimento.

Esse novo paradigma de produção agrícola nutre-se de diversas disciplinas científicas, além dos saberes, conhecimentos e experiências dos agricultores envolvidos. Além disso, permite o estabelecimento de conceitos metodológicos e estratégicos com maior capacidade para orien-

tar, não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas mais sustentáveis, mas também processos mais humanizados de desenvolvimento rural, na medida em que busca, nos conhecimentos e experiências já acumulados, um método de estudo e de intervenção que contribua para transformações sociais.

### **3. Contexto da pesquisa**

Tradicionalmente, para os indígenas da aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha, a atividade agrícola é importante, pois, além de significar sua subsistência, é também, uma oportunidade para transferirem os valores terenos de pai para filho, a respeito do trabalho coletivo e principalmente, pela agricultura indígena, que é sagrada.

O sistema de produção agroecológica, implementado a partir de 2013, vem despertando suas formas tradicionais de cultivar a terra e ocasionando mudanças de ordem social, ambiental, econômica e cultural.

Como exemplo, podemos citar os jovens, que pela facilidade na aquisição de bebidas alcoólicas, colocam-se, muitas vezes, em situação de vulnerabilidade social, de desestruturação familiar e êxodo para os grandes centros (XAVIER, 2014).

Diante desse cenário ameaçador, observamos que a presença dos jovens nas atividades agrícolas tem influenciado suas vidas positivamente, mantendo-os ocupados por um motivo sério, interessados nas atividades agrícolas da família e ávidos pelos novos conhecimentos.

Não obstante, algumas comunidades indígenas vêm resistindo aos avanços do agronegócio sobre suas terras, que visam o acúmulo de capital e a alta produtividade, desconsiderando o limite da natureza e os princípios da vida.

A implementação da agroecologia como forma de melhoria da qualidade de vida nas aldeias do estado do Mato Grosso do Sul é, portanto, um desafio a ser conquistado.

### **4. Descrição da experiência**

Em 2013, projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI), executado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com recursos do

Fundo Global pelo Meio Ambiente (GEF, sigla em inglês) e FUNAI iniciou o processo de implementação da agroecologia na aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha, em Miranda – MS.

Através de diversas oficinas de formação na área da agroecologia e captação em tecnologias digitais, conseguiram envolver vinte e quatro núcleos familiares que iniciaram suas atividades agroecológicas, em 1.000 m<sup>2</sup> de agrofloresta, por núcleo familiar e atrair o interesse dos jovens indígenas.

Faziam parte desses grupos, representantes de vários segmentos sociais terenas, a saber, lideranças, professores, mulheres, homens, anciãos, rezadores, caciques e jovens.

As atividades do Projeto GATI foram fotografadas e publicadas no AGROECOL 2014 (1º Seminário de Agroecologia da América do Sul, o 5º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul), a fim de divulgar o trabalho, assegurar e incentivar a participação de todos nesse processo.





No momento, cerca de dez jovens vêm atuando diretamente nos

trabalhos, realizados com a parceria de instituições públicas de Mato Grosso do Sul (IFMS, UFMS, UEMS), PNUD e colaboradores voluntários em atividades como capacitações em agroflorestal, compostagem, vermicompostagem, produção de mudas, cultivos de espécies agrícolas, coleta e conservação de sementes, manejo de agrofloresta, conservação e recuperação de nascentes.

Participam também das reuniões de rotina para discussão dos direitos indígenas, valorização dos saberes agrícolas terenas e das problemáticas ambientais que afetam a aldeia, além de fazerem a cobertura fotográfica e audiovisual das atividades descritas que, posteriormente são editadas para produção de vídeos e divulgação via internet.

A aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha vem socializando suas práticas agroecológicas no mundo cibernético e, se firmando como espaços produtores de conhecimentos, principalmente através da página na rede social *Facebook*, “GATI Aldeia Cachoeirinha”, gerenciada por eles próprios.

A inclusão digital vem contribuindo para resgatar e fortalecer a relação do jovem com a terra, despertar os valores tradicionais terenas de respeito e valorização da natureza, incentivar o hábito cultural de produzir o próprio alimento, além de estarem se tornando agentes protagonistas de mudanças em suas próprias comunidades.

O domínio da tecnologia digital pelos jovens terenas, também está permitindo registrar os rituais sagrados e os cânticos terenas, cada vez mais ausentes nas comunidades.

O grupo de jovens vem ampliando suas perspectivas sobre a tecnologia digital o que possibilitou determinar a Terra Indígena Cachoeirinha como a sede do 6º Fórum de Inclusão Digital nas Aldeias (FIDA), idealizada pela Associação Cultural dos Realizadores Indígenas (ASCURI). A divulgação das iniciativas terenas vem aumentando a rede de parceria dessa comunidade e prevendo a execução de novas ações voltadas para a agroecologia.

Espera-se usar os materiais audiovisuais que, foram produzidos durante as atividades agroecológicas, em formações futuras de novos grupos.

## **5. Aspectos metodológicos da pesquisa**

A fim de compreender e produzir registros sobre os impactos da produção agroecológica na inserção social dos agricultores da aldeia Terra Indígena de Cachoeirinha realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa interpretativa, por meio da qual se buscou refletir e explorar os dados para formar entendimentos do contexto pesquisado.

Em pesquisa qualitativa, o pesquisador entra em campo trazendo consigo toda uma bagagem intelectual e experiência de vida. No caso desta pesquisa, uma das pesquisadoras, indígena da aldeia Terra de Cachoeirinha e, atualmente, aluna da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, foi a campo e entrevistou a sua própria comunidade, o que possibilitou maior aproximação da investigadora com o objeto e os sujeitos investigados.

Os registros foram feitos através de entrevistas individuais e gravadas, onde os entrevistados falaram sobre suas novas práticas de produção agrícola, fazendo comentários e dando suas opiniões e impressões.

As entrevistas foram feitas em caráter aberto, ou seja, as questões não foram pré-determinadas e assemelharam-se a uma conversa, o que possibilitou uma visão subjetiva dos participantes da pesquisa e a ação interpretativa da pesquisadora.

Basicamente, a pesquisadora perguntou sobre os impactos das atividades agroecológicas em suas vidas cotidianas, nos aspectos referentes à qualidade de vida, às práticas sustentáveis, à autoestima, à aquisição de conhecimentos e à capacitação digital.

As entrevistas foram transcritas e analisadas sob à luz da sociolinguística interacional, uma vez que esta propõe o estudo da organização social do discurso em interação, destacando a natureza dialógica da comunicação humana e o trabalho social e linguístico implícito na (co)-construção do significado e da ação. Além disso, compreende a linguagem como fenômeno social e analisa a língua em uso, considerando a construção e a negociação de significados por parte dos participantes da interação, pois, segundo essa abordagem, os interlocutores têm papéis ativos na elaboração da mensagem.

Mais ainda, considerando o caráter social da linguagem, a sociolinguística interacional concentra seus estudos em torno da língua mediante comunicação entre indivíduos e o contexto no qual esse contato se estabelece, observando-se a reação do falante frente a determinado ambi-



ente social dentro de situações de interação. Analisando a construção do discurso, direciona-se ao falante e seu posicionamento ao estabelecer relação com o outro, consigo próprio e com o assunto de que trata, projetando-se e tomando uma postura, razões pelas quais foi escolhida para apoiar a análise da interação nesta pesquisa.

As entrevistas audiovisuais foram realizadas com os seguintes sujeitos: um senhor, dois jovens, duas mulheres e um homem, todos envolvidos no projeto GATI.

O primeiro entrevistado será chamado neste artigo de André (nome fictício). Seu André é um senhor de 75 anos, respeitado e de conduta considerada exemplar entre os demais indígenas. Ele mora na aldeia Cachoeirinha desde a sua juventude.

Ao segundo entrevistado, demos o nome fictício de José. Esse é um indígena trabalhador, de fortes opiniões e conhecedor sobre qualquer assunto relacionado à agricultura indígena. Abraça toda ideia positiva que beneficie a sua comunidade.

A terceira entrevistada foi Dona Ana (nome fictício), uma mulher muito trabalhadora, forte e que preza pela qualidade de vida da sua família e do seu povo.

Dona Marlene (nome fictício) é uma senhora de 43 anos é professora e entusiasmada com tudo que pode beneficiar a sua comunidade indígena.

O quinto entrevistado foi chamado ficticiamente de Davi e dá muita importância aos conhecimentos e a qualidade de vida que adquiriu com as novas práticas agrícolas.

Luís é o nome fictício dado ao sexto e último entrevistado, um jovem rapaz e orgulhoso dos seus novos conhecimentos tecnológicos, obtidos por meio do projeto GATI.

## **6. Análise**

Foi através dos discursos dos indígenas, agricultores agroecológicos entrevistados que pudemos observar a relação entre suas práticas diferenciadas de produção e alguns fatores que nos indicam seus reposicionamentos na sociedade.

## **6.1. Qualidade de vida**

Ao serem perguntados sobre os impactos dessa nova maneira de trabalhar nas suas vidas, percebemos que os entrevistados se sentem satisfeitos e acreditam que agora possuem mais qualidade de vida, como percebemos nos extratos de suas entrevistas, a seguir:

S. André (senhor de 75 anos):

Poxa, minha vida tava abandonada, não tinha um jeito de trabalhar e agora, com o GATI, fiquei muito contente, me veio mais coragem, mais ânimo para plantar. A qualidade de vida mudou muito porque plantei muitas coisas boas e tá ali. Eu ficava muito triste na minha vida e eu começava a toma cachaça, bebida, andava com a barriga magra por aí, ia pra cidade e não voltava.

S. José (homem):

Eu como agricultor, mudei bastante minha opinião na questão de alimentação, que é mais sadio, e a gente percebeu que baixou as doenças como diabetes, hipertensão, e melhorou sim a parte financeira, temos uma renda de quase dois salários por mês.

D. Ana (mulher):

Já melhorou muito a nossa saúde, já temos nossa própria colheita e eu, mãe de 9 filhos, essa Terra foi preciosa porque aqui a gente planta, colhe, vende e também crio galinhas, porco e carneiro. Aqui temos nosso espaço e com quase três anos de projeto, hoje a gente colhe alimento sadio sem agrotóxico, hoje estamos colhendo melancia, já colhemos bananas, já plantamos e marretamos mandioca tudo do GATI e tudo pra gente sobrevive.

D. Marlene (professora):

a qualidade e a parte financeira aumentou para a minha renda familiar.

Davi (jovem):

Ainda tem muita coisa que vai mudar a minha qualidade de vida com o GATI, porque a maneira e a forma que os professores ensinou a gente a planta eu acredito que vamos aproveitar nossa terra e fortalecer nosso solo e a gente vai ter condições de apresenta para as pessoas e pra nossa família a qualidade, melhora na saúde e em muitos aspectos dentro da nossa comunidade.

Observamos que para S. José, D. Ana, D. Marlene e Davi, os ganhos são ligados à conscientização alimentar, à saúde e à melhor remuneração.

Para S. André, especificamente, trabalhar com a agroecologia contribuiu para que ele recuperasse sua autoestima, se mantivesse longe do álcool e próximo dos seus, na aldeia.

Eles se mostram sensíveis ao não uso de agrotóxicos e entendem os benefícios de se plantar sustentavelmente, nas suas vidas e nas dos seus filhos.

Davi, um dos jovens, acredita que ainda há muito para melhorar, mas se mostra esperançoso e confiante no projeto. Ele enxerga a importância de se divulgar o que fazem dentro e fora da aldeia.

## **6.2. Sustentabilidade**

Conceitos de sustentabilidade também foram considerados ganhos, quando falaram dos benefícios trazidos pelas práticas agrícolas ecológicas, como podemos observar a seguir:

S. André (senhor de 75 anos):

As madeiras e as frutas que plantei estão crescendo e vai ser boa para os meus netos, bisneto, tudo vai ficar para eles.

S. José:

Pensa nas futuras gerações que vêm vindo e se preocupar com a água que já está faltando em alguns lugares. A maneira que nos ensinam tem um sentido sim mais pro meio ambiente, a gente aprende a plantar mais correto para a água que Deus manda se infiltra e não ter enchentes nem lixos na aldeia.

D. Ana:

Outra coisa importante é vê a juventude se empenha nessa questão, eles aprenderam não como é mexer na Terra e plantar.

Luís (jovem):

Registrar tudo e mostrar para as gerações futuras, esse é o objetivo, para não deixar nossa cultura indígena terena morrer. Isso não faz de nós jovens, registrar somente a roça e sim, tudo que for interessante a comunidade. Como é tudo recente, os primeiros jovens estão pra resgatar mais, não deixá-lo perdido, sem saber o que fazer. Nós jovens, estamos como exemplo e pra ajudar nossos anciãos, nossos pais, nossa comunidade. Se sabemos um pouco sobre tecnologia, porque ajudar né? E o principal, como muitos jovens saem da aldeia a procura de serviço, acabam perdendo a cultura que é planta. E os jovens que estão no projeto, pensam sim, em dinheiro, mais pensam no futuro e com certeza, eu, como jovem, quero aprender com meus sábios e leva isso adiante.

Alguns entrevistados foram explícitos ao falarem sobre a manutenção dessas práticas no futuro, sobre o que vão deixar para as próximas gerações e sobre a preservação do planeta/humanidade.

Percebemos que estão conscientes, quanto ao uso responsável da água e aos cuidados que devem ter com o lixo.

Luís, o outro jovem, fala sobre a importância da preservação da cultura indígena.

### **6.3. Orgulho**

Os entrevistados mostraram-se orgulhosos de serem agricultores.

S. André:

Tô firme pra segui a nossa carreira e mostra nosso trabalho.

S. José:

A repercussão é importante porque a gente tem que mostra que há um jeito de viver também equilibrando a natureza.

[...] A gente se orgulha deste trabalho e também somos importantes na sociedade pelo que fizemos e de se aparecer um pouco”.

D. Ana:

Aqui, a gente não rouba de ninguém, não pedimos pra ninguém, porque essa terra é nossa. A gente tá muito orgulhoso de tá produzindo o nosso alimento. Sempre vinham pessoas fala do projeto e esse projeto nunca chegava, com a graça de Deus, chegou o projeto GATI para nós com a ajuda da FUNAI e dos professores que vieram ajudar e incentivar a gente.

D. Marlene:

Sinto-me privilegiada por fazer parte de um projeto, importante na minha comunidade indígena.

Davi:

Eu acredito que principalmente aqui para os terenas essa repercussão cai muito bem, até porque, o pessoal tem uma visão distorcida com indígenas. Hoje no GATI, eu me sinto sim orgulhoso, antes, me sentia um anonimato e hoje, já conhecemos outros lugares e as pessoas já nos conhece e assim, me sinto importante na sociedade, eu e todos do grupo [...] Acredito que para algumas pessoas “brancas” ainda não mudaram porque elas são cegas com os indígenas e aqueles que querem e nos procuram, vê que não somos preguiçosos.

S. André chega a chamar sua atividade de carreira e S. José que valoriza a repercussão dos feitos da aldeia na sociedade.

S. José orgulha-se dos conhecimentos agrícolas de seu povo que, compartilhados e complementados com os conhecimentos modernos e tecnológicos, geraram práticas melhores. Sentem-se privilegiados. Eles se mostram gratos aos que os ajudaram.

### **6.4. Inclusão digital**

Os jovens mostram-se agradecidos e satisfeitos com a aquisição de conhecimentos tecnológicos, trazidos pelo curso de capacitação digital.

Davi:

As oficinas e cursos nos ajudaram a melhorar as técnicas tradicionais para uma técnica sustentável. As técnicas utilizadas nas atividades agroflorestais

têm função de acrescentar e adequar as boas formas às atividades agrícolas tradicionais. A inserção digital é muito interessante, porque o relativo projeto torna-se objeto de estudo e pesquisa nas faculdades

Luís:

A inclusão digital facilitou para a divulgação dos trabalhos dos agricultores do GATI, mostrar o que realmente fazemos para mim, é uma honra, grava, fotografar, tirar dúvidas sobre agroflorestal é um trabalho muito importante.

S. André:

a divulgação que os jovens fizeram foi muito importante, tem que ter isso no meio de nós.

Seu José:

Os jovens são importantes porque são duas ferramentas que precisamos a teórica e a prática. Se não tiver a tecnologia, eles não vão conseguir desenvolver seu trabalho.

Dona Ana:

Eu fico feliz de ter você trabalhando pra sua comunidade, é bom sabe que tem uma jovem estudando por nós e levando nossa vida para fora. Como os outros dois jovens do projeto (Saulo e Marissol), que entraram na Engenharia Florestal/UEMS de Aquidauana, buscando conhecimento.

Dona Marlene:

Os jovens beneficiaram com os cursos e oficinas, além da interação com os mais experientes mantendo tempo para a pequena roça do dia a dia. Sinto-me valorizada em observar os trabalhos divulgados nas mídias locais e estaduais através dos jovens.

Jovem Davi:

Profissionais diz que o jeito que os terenas plantam é a maneira que Deus gosta, os nossos ancestrais já plantavam assim e o curso veio pra nos ajudar ainda mais. Eu sou uma pessoa fez de afirmar que os jovens fizeram a diferença por divulgarem e registrarem os trabalhos agroflorestais e se possível, capacitarem mais nós, se o GATI é conhecido, é por causa dos jovens.

Os mais velhos têm esperanças nos jovens e veem vantagens em divulgar para o mundo, o trabalho que fazem na aldeia.

Todos reconhecem a importância da tecnologia para o futuro da aldeia e para a manutenção, bem como divulgação da cultura indígena.

## **7. Considerações finais**

Ainda que este artigo não permita o aprofundamento da questão proposta em toda a sua amplitude, procuramos refletir, sobre os impactos do trabalho agroecológico na vida dos indígenas da aldeia de Cachoeirinha, nos seguintes aspectos referentes à inserção social: a qualidade de vida, as práticas sustentáveis, a autoestima, a aquisição de conhecimentos

e a capacitação digital.

O povo terena da Terra Indígena de Cachoeirinha, principalmente os membros do projeto GATI, tiveram um ganho considerável, no que diz respeito à produção agrícola, sem ter que abandonar a sua cultura.

Ouvir como eles eram antes da ida do projeto GATI e como se sentem beneficiados hoje, foi gratificante para as pesquisadoras. Pudemos observar que hoje, eles vivem melhor com os ganhos que tiveram.

Quanto aos benefícios para os jovens terenas, percebemos que a inclusão digital e o uso de tecnologias no auxílio das práticas agroecológicas da aldeia onde vivem, vêm despertando-os para a importância da terra, da agricultura de base ecológica, dos conhecimentos, da cultura de produzir o próprio alimento e da responsabilidade ambiental global.

Ainda, somam-se a essas vantagens, a oportunidade de divulgar a mobilização e as iniciativas agroecológicas que vêm ocorrendo nas terras indígenas, em resposta ao preconceito e discriminação veiculada pela mídia em massa.

Por fim, vemos como prática fundamental, que se promova a divulgação ampla dos avanços obtidos nesse processo, com o objetivo de difundir as formas de produção sustentáveis e limpas, socialmente justas, contribuindo para a autonomia das comunidades tradicionais e indígenas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, J. NAVARRO, Z. *Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998, p. 33-55.

ALTIERI, M. A. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

ASSIS, R. L. de. *Agroecologia no Brasil: análise do processo de difusão e perspectivas*. 2002. 150 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, vol. 1, n. 1, p. 16-37, jan./mar.2000.

GUZMÁN CASADO, G.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M.; SEVILLA GUZMÁN, E. (Coords.). *Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible*. Madrid: Mundi-Prensa, 2000.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

XAVIER, E. G.; RODRIGUES, G. J; FAUSTINO, Â. A.; RODRIGUES, Z. C.; ANTONIO, L. Inclusão digital em comunidades terena de MS: estratégia para o fortalecimento cultural e agroecológico. *Cadernos de Agroecologia*, vol. 9, n. 4, nov.2014.